

Comentário sobre o artigo

A Diferença que Fez a Diferença

Laurice Levy¹

É com muita satisfação que recebi o convite para comentar o trabalho de Ana Carolina Barra Vidal por vários motivos. Antes de mais nada, por ser um trabalho escrito com seriedade e consistência. Em segundo lugar porque toca em questões caras para mim, tais como a integração de técnicas e teorias e a questão da parentalização. A autora (com o seu grupo de supervisão) transporta a técnica da equipe reflexiva de Tom Andersen para o atendimento individual sistêmico, integrando teorias e técnicas, posição que defendendo há bastante tempo e que compartilhei com os colegas em 2000, com a publicação do livro *“Integrando Diferenças – Possíveis Caminhos da Vivência Terapêutica”*. E, finalmente, por ser sua paciente, Sofia, um exemplo clássico de filho parentalizado, tema que tem sido objeto de meus estudos ultimamente².

Começarei meu comentário falando de meu olhar sobre a possibilidade de integrar teorias e técnicas. Em minha opinião não acredito apenas que elas possam ser integradas, mas pleiteio a idéia de que elas foram criadas para beneficiar o paciente que sofre. Acredito, como dizia em meu trabalho apresentado na mesa de abertura do VIII Simpósio de Terapia de Família Sistêmica e V Simpósio Internacional de Terapia de Família Sistêmica, no Rio de Janeiro em 2005, e no último VII Congresso de Brasileiro de Terapia de Família, em julho de 2006, cujo título era: *“Criar, curar ou mudar: possibilidades em psicoterapia”*, que os terapeutas deveriam ser humildes o bastante para não acreditar e afirmar que a sua escolha é a única e melhor que qualquer outra. Se fizermos isso estaríamos indo na direção contrária do que deseja o construtivismo e a pós-modernidade, como tão bem ensinaram

¹ Psicóloga, psicanalista, terapeuta de família e de casais, psicodramatista, Mestre em psicologia clínica PUC/Rio, docente e didata no Delphos Espaço Psico-Social, Diretora Adjunta da ATF/ RIO. Autora e co-autora de livros e artigos em revistas especializadas.

² Ver meu artigo no último número da Revista Pensando Famílias, volume 10, número 1, junho 2006, denominado *“Crianças Parentalizadas, Crianças Co-responsáveis? Desconstruindo Dogmas e Relativizando Conceitos”*.

Maturana, Edgar Morin, Prigogine entre muitos outros.

Na verdade, ao estudarmos e ensinarmos metodologia científica, aprendemos que não pode haver comparação entre teorias. O que elas precisam, todavia, para serem fortes, reconhecidas e respeitadas é que possuam um arcabouço interno coerente que lhes dê sustentação. O texto em questão busca isso o tempo todo ao longo do relato apoiando-se em autores competentes. A autora se permite inovar ao mesmo tempo em que questiona e reflete sobre a validade, eficácia e pertinência de sua criação. Cita, inclusive, opiniões contrárias à sua, como quando se refere à Aun et al. como faria qualquer boa equipe reflexiva. Estar aberto para ouvir todas as posições, escolhendo a que mais lhe parece pertinente para o seu caso.

Vindo da psicanálise, sendo terapeuta de família e de casais e psicodramatista, eu tinha uma experiência de muitos anos que me permitia afirmar que as três abordagens funcionavam muito bem. Por isso eu gosto de dizer que *“tudo cura e nada cura”* em se tratando de atendimento psicoterápico, dependendo do problema, do paciente ou da família, do terapeuta e do momento e não apenas da técnica ou teoria utilizadas.

Prova disso é que um paciente ou uma família poderá afirmar que determinado terapeuta é excelente, enquanto outras famílias poderão dar o depoimento exatamente contrário, do mesmo terapeuta adotando a mesma linha teórica e prática. Corroborando com isso que nunca existirá unanimidade em nenhuma abordagem.

Assim, o fato de a Terapia de Família Sistêmica nos encantar e gratificar diariamente ao vermos resultados ótimos com as famílias atendidas em nossos consultórios não nos permite denegar qualquer outra visão terapêutica. O ideal para nós, terapeuta familiares, é sem dúvida alguma, que tenhamos sempre todos os membros da família presentes. Mas, não existem situações onde preferimos ver os subsistemas? E quando é impossível ter todos no consultório, recusamos pura e simplesmente de atender? Manteríamos ainda uma postura rígida dos primórdios da Terapia de Família quando alguns terapeutas se recusavam atender a não ser que viessem todos? Quantos excelentes e conceituados terapeutas não fazem a terapia individual sistêmica, há muito tempo? Os institutos formadores, que não estão centrados em apenas um foco, (seja ele construtivista, psicanalítico ou psicodramático, entre outros) ensinam a seus alunos a terem uma visão sistêmica do indivíduo. Essa é também a minha experiência. Por isso, concordo tanto com Weber e Simon, citados pela autora quanto com Ana Carolina de que é possível sim atender sistemicamente a um indivíduo.

Assim, Ana Carolina faz um atendimento individual sistêmico. Quando ela explica o que é equipe reflexiva e relata os depoimentos de seu grupo, ela

dá um sentido e uma coerência à sua inovação. O grande Humberto Eco diz:

Mais uma vez se deve partir do princípio de que se se é um anão inteligente, é melhor subir nos ombros de um gigante qualquer, mesmo se for de altura modesta ou mesmo de outro anão. Haverá sempre ocasião de caminhar por si mesmo, mais tarde (1977, p. 12).

Considerando que Tom Andersen foi um gigante ou alguém que também se apoiou em outros teóricos para então desenvolver *um procedimento terapêutico baseado nos pressupostos da abordagem sistêmica com características bastante peculiares... a técnica da equipe reflexiva*, não poderíamos dizer que no caso apresentado seja um aprimoramento e adaptação da técnica que, quem sabe pode até vir a ser copiado em outros casos? A ciência não caminha assim? Através do ensaio e erro, através da experimentação. Cada pesquisador acrescentando algo ao já existente, dando mais um passo, como ensina Eco?

O ideal terapêutico de mudar, criar, desconstruir, reconstruir ou re-escrever novas narrativas pessoais não são formas diferentes de nomear o objetivo que todos (pacientes e terapeutas) desejam? O de uma melhor qualidade de vida advindo de uma real mudança ou transformação? A idéia criativa da supervisora, acatada pelo grupo não enrijecido, de relatar para a paciente, Sofia, as anotações das impressões, idéias e sentimentos do grupo reflexivo, mesmo que “à distância”, provou ter sido positivo. Hoje, quando tanta aprendizagem está sendo feita à distância, com a internet, globalização, etc... (mesmo que às vezes, não se aprenda coisas boas) não seria uma questão de pós-modernidade e atualização? Ou seja, a autora (e equipe) não estaria com essa inovação absolutamente inserida no momento sócio-histórico e cultural da contemporaneidade? Acredito que da forma como foi realizado o atendimento individual com equipe reflexiva, que dominarei doravante de “à distância”, manteve o espírito inicial de Anderson e seus colaboradores, de *uma postura menos hierárquica e mais lateral, coerente com uma postura mais construtivista*. Também me pareceu que a terapeuta, autora do presente artigo, *não teve qualquer intenção conclusiva, diagnóstica ou pedagógica*. Ela apenas comunicou os comentários auto-referentes do grupo de supervisão. A paciente ouviu e conversou com a terapeuta *sobre as especulações da equipe*, bem como sugerido pelo criador da equipe reflexiva.

Isso me remete ao caso em si, ao sofrimento de Sofia, enquanto filha parentalizada e ao meu desejo de participar dessa equipe reflexiva mesmo que à distância com meus comentários e sentimentos. A descrição, dada por Ana Carolina, de Sofia, “*Desde cedo, Sofia assumiu as responsabilida-*

des domésticas que não condiziam com uma menina de sete anos de idade. Ela limpava e organizava os quartos, varria a casa, lavava os banheiros, cuidava de Márcia e era companheira de seu pai”, confirma lindamente o conceito de parentalização de Jurkovic e Nagy. Quando Sofia diz: *“parece que tenho 40 anos de tanta coisa que eu já vivi”*, confirma minha hipótese, compartilhada em meu texto, de que a criança parentalizada é e fica se sentindo sempre *“uma pobre criança grande”*. E assim vamos acompanhando pelo relato todos os movimentos do papel cristalizado que ela ocupa na família: *“no enterro ela cuida de tudo sozinha. Nenhum irmão se sente na obrigação de ajudar”*. Por esses e todos os outros exemplos que não citarei, fica muito claro que todos compactuam com o fato de que *tem que ser assim*.

Minha ressonância e reflexões para ela seriam: como ajudá-la a se livrar desse papel cristalizado que lhe foi outorgado desde a morte da mãe? Será que se compartilharmos com Sofia, que ela foi uma criança parentalizada, não poderia aumentar o leque de opções que ela tem para viver sua própria vida, sem tanta culpa, sem tanta sensação de que *deve carregar* sempre a família nas costas? Será que dizer a ela que acreditamos que ela não nasceu assim e que por isso esse papel poderia ser mudado? Dizer a ela que acreditamos na criatividade e saúde do ser humano que não precisa aceitar inexoravelmente um papel delegado não poderia libertá-la da prisão de suas crenças, mitos e “verdades impingidas”? Enfim... esses são apenas alguns questionamentos e sentimentos que me vêm à cabeça compartilhar nesse comentário. Claro, que não há mágica em terapia, mas há um processo que no continuum pode dar resultados. É nisso que acreditamos como Ana Carolina.

Finalmente, para terminar, gostaria de dizer que o terapeuta tem o direito de escolher a via por onde deseja caminhar. Pode decidir não trabalhar com o intrapsíquico ou só trabalhar com a família toda ou ainda introduzir uma equipe reflexiva “à distância”, como estamos aprendendo agora com esse texto. O importante, no entanto, é que o terapeuta tenha conhecimento e experiência suficientes que justifiquem as suas escolhas.

E foi isso que Ana Carolina, sua supervisora e equipe fizeram: transportaram para a sessão individual uma postura e aprendizado utilizado e conhecido por elas: os pressupostos do construtivismo e da equipe reflexiva e deu certo. Parabéns a todas. É preciso ter coragem para criar. Afinal de contas não é isso que desejamos que nossos pacientes sejam capazes de fazer? Re-escreverem novas narrativas, contarem novas histórias, darem novas respostas a questões antigas? Por isso tudo, obrigada a vocês por terem

introduzido uma nova forma de usar a equipe reflexiva e... claro, parabéns a Ana Carolina pela redação do texto.

Referências

- Boszormenyi-Nagy, I. & Spark, G. M. (1983). *Lealdades invisibles. Reciprocidad en terapia familiar intergeneracional*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Eco, Humberto (1977). *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva
- Jurkovic, G. (1997). *The plight of the parentified child*. New York: Brunner/Mazel.

Endereço para correspondência

lorice@cybernet.com.br

Recebido em 19/09/2006

Aceito em 27/09/2006